

Arte contra as mudanças climáticas

Art against climate change

SIQUEIRA, Adilson

Doutor, UFSJ, negrados@ufsj.edu.br

SCHIAVONI, Flávio Luiz

Doutor, UFSJ, fls@ufsj.edu.br

RESUMO

As ações em Arte contra as mudanças climáticas parecem ser distantes e inacessíveis para uma parte da população que se perde entre a desinformação sobre o assunto e o sentimento de impotência diante da falta de informação sobre como agir. Diante deste contexto, trazemos neste texto algumas possibilidades de pensar estas ações de forma a refletir o que seria possível e cabível para a Arte na luta contra as mudanças climáticas. O que é uma arte contra as mudanças climáticas? O texto não é conclusivo e não traz respostas para estas perguntas mas convida o leitor a pensar sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE: epistemicídio, monocultura, Mudanças Climáticas.

ABSTRACT

Actions in Art against climate change seem to be distant and inaccessible for a part of the population that is lost between misinformation on the subject and the feeling of impotence given the lack of information on how to act. Given this context, we bring in this text some possibilities for thinking about these actions in order to reflect what would be possible and appropriate for Art in the fight against climate change. What is an art against climate change? The text is not conclusive and does not provide answers to these questions, but it invites the reader to think about the theme.

KEY-WORDS: *epistemicide, monoculture, climate change.*

1 INTRODUÇÃO

No final dos anos 1980, início de 1990 a expressão “aquecimento global” começou a ganhar evidência e a ser debatida em todo o planeta. À época, “efeito estufa” entrou no jargão popular e falar sobre os gases CFC, que interferiam na camada de ozônio, resultando em mais radiação e aquecimento se tornou corrente e a partir de então tornou-se até corriqueiro falar em gases como o dióxido de carbono (CO₂), metano (CH₄), óxido nitroso (N₂O) e hexafluoreto de enxofre (SF₆), o que contribuiu para o aumento da reflexão de que isso acontece especialmente devido ao desmatamento e à queima de combustíveis fósseis e, a questão foi parar na mesa do jantar e no almoço de domingo com parentes e amigos e, o aquecimento global se tornou uma realidade cruel e avassaladora que está

levando a humanidade e o planeta ao fim de seu antropoceno, e hoje está claramente causando devastações, pandemias, fome e pobrezaⁱ.

Paralelamente, porém começava e segue em curso uma guerra de desinformação, contrainformação e negacionismoⁱⁱ promovida por cientistas, alguns muito respeitados, que baseados em ideias fundamentalista como livre mercado (total aversão a regulação governamental) e interesses políticos e econômicos obscuros disseminaram a partir de *think tanks* camuflados, financiados grupos de empresários, lobistas e políticos mal-intencionados que disseminaram dúvidas e inventaram debates sobre temas que já estavam consolidado e por isso mesmo entrava no churrasco de domingo. A partir de então, começou-se a debater pérolas como estas, disseminada pelo vereador Carlos Bolsonaro (PSC-RJ) em julho de 2019: "Só por curiosidade: quando está quente a culpa é sempre do possível aquecimento global e quando está frio fora do normal como é que se chama?"ⁱⁱⁱ.

Na frase dita pelo nobre edil fluminense, é interessante refletir como a guerra de negacionismo e desinformação se processa: em pleno 2019, mais de 30 anos depois do início dos debates, conforme mostramos anteriormente, insistir na questão do aquecimento é diversionismo porque foca no aumento das temperaturas e ignora que

o aquecimento global está se referindo ao aquecimento da Terra a longo prazo, e as mudanças climáticas se referem não só ao planeta estar esquentando, como também às consequências disso, em alterações mais amplas que envolvem o aumento ou redução da quantidade de chuva, maior frequência de temporais, temporada de furacões mais intensa, aumento ou redução da umidade do ar, entre outras questões. Ou seja, ainda que mudança climática implique em aquecimento, o termo é um pouco mais amplo, porque explica as alterações, em variáveis médias, que não se aplicam apenas à temperatura^{iv}.

Sobretudo, trata-se de diversionismo deliberado não só porque nega, antes de tudo, a ciência, os dados apresentados pelo IPCC (em 2021, 2014, e 2018, pra ficar nos relatórios mais recentes) mas, também, porque desloca o debate das consequências sociais do aquecimento em função das mudanças climáticas.

O Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da ONU (DESA) por exemplo, aponta três impactos a) aumento da exposição dos grupos desfavorecidos aos efeitos adversos das alterações climáticas; (b) aumento de sua suscetibilidade aos danos causados pelas mudanças climáticas; e (c) diminuição em sua capacidade

de enfrentar e recuperar os danos sofridos^v. Traduzindo em miúdos, estamos falando em aumento da pobreza, fome, doenças infecciosas, devastações por ventos, tsunamis, furacões... Ou seja, as mudanças climáticas são hoje uma realidade cruel e avassaladora que afetam principalmente as pessoas que estão do lado da Linha Abissal que compreende o Sul Global, para usar a expressão popularizada por Boaventura Sousa Santos e Maria Paula Meneses ou, MAPA (siga em inglês para Pessoas, Áreas e Comunidades Mais Afetadas pelos efeitos das Mudanças Climáticas)^{vi} para usarmos o termo criado pelo *Frydays for Future* (FFF)^{vii}. Em ambos os casos, estamos nos referindo àqueles e àquelas marginalizadas pelo neoliberalismo, em especial, negros, indígenas, mestiços, sintetizados na sigla BIPOC (*Black, Indigenous, and People of Color*, utilizada pelo FFF)mas, também, pobres, mulheres e pessoas 2SLGBTQQIA+ vivendo em qualquer parte do mundo.

Acordos mundiais acontecem, líderes políticos discutem, metas são estabelecidas, organizações são criadas e elaboram planos de ação, mas isso tudo é muito distante do cidadão comum, que é atingido diariamente pelas consequências deste problema mas parece não ter condição de participar da luta contra as referidas mudanças. Talvez isso ocorra porque parte deste debate acontece apenas pela questão do clima e do meio ambiente e o discurso, via de regra, seja científico o que faz com que, para as pessoas em geral, entender a questão se torne um processo muito desgastante porque complexo e repleto de termos, frases e conceitos de difícil compreensão, em especial para aquelas pessoas com um nível de conhecimento e formação escolar básico ou médio, o que as leva a um sentimento de impotência diante desta condição e, pior, de descrença, dúvida e desdém, sobretudo num momento-mundo em que a ciência vem sendo cada vez mais questionada e colocada sob suspeita^{viii}.

O panorama constatado pelo estudo da Wellcome Trust, levou Simon Chaplin (apud ANDRADE, 2019), Diretor de Cultura e Sociedade da organização que as evidências colhidas apontam que o descrédito tem relação com a reputação de outras instituições, como o governo e a Justiça e serve como “um alerta para todos que gostam de pensar na ciência como algo neutro e separado da sociedade em que vivemos” sendo que é essa também a opinião do professor Yuriij

Castelfranchi da UFMG para quem não se trata apenas da negação da ciência mas de uma crise de legitimidade (CASTELFRANCHI, 2010).

Este estudo é importante porque adiciona ao negacionismo científico atualmente em voga, em especial quando se constata o nível de educação dos questionadores^{ix}, a questão ideológica. Trata-se de posição adotada quase sempre por aqueles que apoiam mais radicalmente o neoliberalismo, sendo contrário a qualquer ideia de necessidade de intervenção estatal na economia ou na vida das pessoas (ibid) e que são adeptos do conservadorismo mais radical, em especial no tocante a questões religiosas. E, é neste contexto que a declaração supramencionada do vereador ou posicionamentos negacionistas em relação às mudanças climáticas feitas por políticos e até mesmo presidentes e ex-presidentes se encaixam: procuram atender interesses de setores específicos.

O resultado é que o entendimento comum médio é pautado pela impressão de que o cidadão pode exercer pouca ou nenhuma influência seja porque considera que o tema passa apenas pela esfera econômica, política e financeira, sobre as quais não se tem poder para causar modificações, seja por questões de cunho religiosos, e neste caso impera o “religião não se discute”, ou ainda, pela percepção de que a forma como a sociedade contemporânea se organiza carece de mudanças estruturais o que, certamente, está longe do seu alcance. Em suma, a percepção é de que a questão das mudanças climáticas é de difícil entendimento, permeada pela linguagem incompreensível da ciência que está sendo posta em cheque pelo negacionismo, por razões econômicas e ideológicas estruturalmente complexas, recheada de política e conservadorismo exacerbado o que torna a questão difícil de ser levada a sério, por ser indelével e ao mesmo tempo blindada e impermeável, de proporções planetárias e por isso mesmo, inacessível ao ser humano comum.

Afinal, aquecimento global, a inundação das cidades costeiras, o degelo das calotas polares, a mudança do norte magnético do planeta, tudo isso parece muito enorme diante de nossa pequena existência.

2 LUTAR CONTRA A MUDANÇA CLIMÁTICA

Lutar contra a mudança climática significa lutar contra os fatores que causam o aquecimento global e o primeiro deles é a ignorância que ronda este assunto que

deveria ser simples mas que se torna polêmico ao encontrar negacionistas que tentam refutar esta realidade. Junto com os negacionistas estão os que tornam o problema homérico, irreversível e impossível de ser contornado, tornando todos os esforços para combater tal problema como uma tarefa sisífica. Entender este problema vai do simplismo de acreditar que ele não existe ao absurdo de acreditar que ele é irreversível. Por esta razão, o segundo fator que precisa ser combatido é a cortina de fumaça que se coloca sobre este tema, que nos leva a não enxergar as proporções do mesmo, seja enquanto escopo do problema, seja como escopo de suas consequências.

Focar na luta contra o aquecimento global é entender as causas desse aquecimento, é esmiuçar o que exatamente esta luta consiste de forma a permitir que ela seja feita contra as causas e não contra os sintomas e consequências do problema. A mudança climática causada pelo homem no planeta tem modificado nossa existência na Terra e acarretado diversos problemas para toda a humanidade, mas sobretudo aquelas no sul global, o MAPA, como já mencionamos, e é preciso buscar entender o que acarretou este aquecimento para compreender como agir em relação a ele. Ou seja, entender as causas é parte da ação e da luta.

Ao procurar o que acarretou a mudanças globais podemos facilmente encontrar como causa a poluição, das cidades, a indústria, agronegócio, as grandes corporações e o financismo ou, em outras palavras, o capitalismo e o consumo desenfreado. No entanto, atribuir o aquecimento do planeta a estes fatores, apesar de correto, nos deixa novamente sem condições para empenhar esforços, pois lutar contra a industrialização, contra o capitalismo ou contra o consumismo ainda parece ser uma batalha hercúlea e impossível de ser vencida. Sobretudo, precisamos combater a ideia de que se há fome no mundo e se há pessoas em condições de vulnerabilidade é preciso produzir mais para tirar estas pessoas desta situação e este é um exemplo, de que que compreender a causa, a raiz é importante porque este tipo de perspectiva é errada ao oferecer mais do mesmo: não precisamos de mais crescimento, mas de compartilhamento, distribuição e convivalismo.

Infelizmente, com isso tudo em mente, sempre há a impressão de que nossa luta não pode ser encampada, que é muito pequena e sem capacidade de resolver ou

de contribuir para uma solução contra um problema de tal grandeza. Podemos, no entanto, nos aproximar ainda mais desta causa e pensar quais condições dentro do capitalismo e do consumismo são realmente responsáveis pelas mudanças climáticas, e entre elas, quais podem ser entendidas como parte de nossa luta. E é neste ponto que a questão social e a justiça climática tornam-se elementos chave e, é nestes campos que entendemos que a arte tem uma grande contribuição a dar à questão do enfrentamento das mudanças climáticas.

Em 2005, Bill McKibben (2005) sustentou que embora soubéssemos sobre as mudanças climáticas, não sabíamos realmente sobre elas porque elas ainda não faziam parte da cultura. "Onde estão os livros? As peças? As malditas óperas?" perguntou-se, ele explicitando o fato de que

a compreensão intelectual dos fatos científicos não era suficiente - se quiséssemos avançar e efetuar mudanças significativas, precisávamos envolver o outro lado de nossos cérebros. Precisávamos abordar o problema com nossa imaginação. E as pessoas mais adequadas para nos ajudar a fazer isso, ele acreditava, eram os artistas(The Arctic Cycle)^x.

Ou seja, para o enfrentamento da crise que decorre das mudanças climáticas e se acentuará cada vez mais, precisamos envolver artistas e isso nos leva ao Manifesto de Tutzing^{xi} que, publicado anos antes, em 2001, já sustentava que "tudo que é sustentável necessita e produz cultura: como modo de comunicação e atuação que cria formas, que desenvolve, reflete, modifica através de orientações de valores e contrabalança interesses econômicos, ecológicos e sociais" e defende que "numa implicação estrutural da dimensão cultural e estética nas estratégia deverão ser implicados decididamente aqueles e aquelas atuantes que possuem a capacidade de dar vida a ideias, visões e experiências existenciais através de símbolos, ritos e práticas que podem ser transmitidas à sociedade"(SIQUEIRA, 2010). Em suma, defende envolver os artistas na questão do debate sobre sustentabilidade e, aqui, estamos conectando este olhar com o primeiro, com vistas a abranger também as questões climáticas, algo umbilicalmente conectado à questão sustentável. E com isso chegamos ao tema do presente trabalho: propor as artes como estratégia social comum para o enfrentamento das mudanças climáticas

Vamos tomar como exemplo o ciclone Tauktae^{xii} que atingiu a Índia em 16 e 17 de março 2021, matou pelo menos 91 pessoas, danificou milhares de casas, barcos e vários pontos da infraestrutura estatal como pontes, represas, estradas etc em Kerala, Karnataka, Goa, Maharashtra e Gujarat (Índia). Neste caso, "uma pessoa com mais dinheiro pode ter sido capaz de:

- dirigir seu próprio veículo particular, ou pagar para voar para longe da área,
- pagar por cuidados médicos caso tenha se machucado,
- ficar em um hotel por uma semana,
- voltar para sua casa pouco danificada, por ter sido melhor construída estruturalmente e ligar para sua companhia de seguros, que reparará os danos^{xiii},
- [... continue você mesma(o) a lista]"

Exclua todas ou a maioria destas possibilidades de ação visando sua autoproteção e a dos seus e isto mostrará como as pessoas mais pobres são mais afetadas por eventos climáticos extremos e, portanto, pela crise climática; não por causa delas individualmente, como poderia afirmar um certo conservadorismo mais tacanho e neoliberal, mas por causa de todo um sistema de exclusão individual, estrutural e institucionalmente criado para não permitir a melhoria de sua qualidade de vida da mesma forma que a pessoa do primeiro exemplo^{xiv}.

Isso se deve especialmente à colonização e a exploração contínua do Sul Global que cada vez mais tem sido objeto de superexploração^{xv} tanto humana quanto de sua biodiversidade e de seus ecossistemas para o lucro dos países imperialistas e do neocapitalismo central localizados no Norte Global e, é importante destacar: reproduzido localmente pelas elites internas, através da prática de empurrar para as periferias e locais mais frágeis e menos estruturados (como morros, áreas sujeitas a inundações, secas, sem saneamento básico, com rendimentos baixíssimos que os expõe a precariedade em todos os aspectos da vida em sociedade, por exemplo) aquelas pessoas que constituem o estoque de mão de obra barata e abundante.

Esta superexploração e precarização da vida passa pelo especismo, "pelo racismo, pelo sexismo, pela discriminação de deficientes, pela desigualdade social, pela

crise climática e muito mais", promovendo o individualismo egoísta e injusto que separa quem são, numa perspectiva necropolítica, os morríveis e os matáveis:^{xvi} negros, indígenas, mestiços, sintetizados na sigla BIPOC (Black, Indigenous, and People of Color, utilizada pelo FFF), pobres, mulheres e pessoas 2SLGBTQQIA+, dos que não o são, sem se importar em não deixar vidas para trás!

Por isso, é tão importante lutar pela justiça climática^{xvii} e é neste sentido que sustentamos que a prática performativa que opte por se dedicar a tratar, em suas ações artísticas e afins (sejam elas arte-educativas, sociocomunitárias ou a produção de eventos, por exemplo) questões relativas à mudança climática. É também, por decorrência, ativista e socialmente engajada e lida estética e eco poeticamente com a dimensão sensível que é despertada quando voltamos nossa atenção para temas interseccionais como o especismo e as diferentes categorias biológicas, sociais e culturais e estéticas (estetícidio)^{xviii}, como por exemplo gênero, raça, classe, capacitismo (ableism), orientação sexual, religião, casta, idade, localização geográfica e outros aspectos identitários que interagem com e sobre a pessoa em camadas múltiplas, inter-relacionadas e simultâneas, na promoção de injustiças, opressões e desigualdades, sejam elas socioeconômicas, raciais, epistêmicas, sistêmicas e estruturais.

Sustentar que artistas e sua arte se envolvem com questões referentes ao enfrentamento das mudanças climáticas é defender que sejam abordadas nas obras, práticas e ações; conflitos pessoais, individuais e coletivos que gerem reflexão sobre a importância de se promover inclusão, justiça social e igualdade de oportunidades para todos os habitantes do planeta, a partir do contexto local para o global (glocal).

Antes de tudo, é fundamental explicitar que esta é uma proposta de arte ativista (ativista), socialmente engajada, de intervenção urbana, que visa fomentar e ampliar práticas coletivas, espaços e movimentos de pessoas e grupos existentes em áreas e localidades (MAPA) com vistas a fazer emergir práticas comuns, comunitárias e solidárias em prol do bem comum no enfrentamento dos efeitos causado pelas crises advindas das mudanças climáticas utilizando para tal a arte como potência criativa e geradora de sensibilidade estética em relação ao olhar diante do cotidiano de modo a pensar e instaurar o bem comum^{xix}, pros comuns.

Desta maneira, é preciso atentar que parte do problema da crise climática passa por entender que não é apenas um problema ambiental ou econômico mas, que a questão deve ser tratada antes de tudo como um problema social a atingir direta e distintamente as pessoas. Transformar a cidade, repensar a urbe e sua comunidade é tentar tornar a mesma habitada por pessoas e feita para o benefício das pessoas pode se tornar uma alternativa viável para reverter o aquecimento global. Tirar as catracas da cidade e garantir mais acesso a toda a população.

3 A MONOCULTURA NAS ARTES

Em seu livro “Pequeno Manual Antirracista”, Djamila Ribeiro comenta sobre o epistemicídio, a forma como matamos qualquer outra ciência que não estivesse de acordo com o pensamento hegemônico. A erradicação de outras epistemologia traz para o campo das ciências o que aconteceu com nosso campo: a monocultura - ou a existência e a legitimação de apenas um única cultura, neste caso, a científica, que ignora outras formas de saber e de pensar.

Ao tentar pensar na luta contra a monocultura, nos damos conta de que a palavra cultura também está associada às artes. Se no campo encaramos a monocultura como parte do problema do aquecimento global, se na ciência esta monocultura é um problema, a mesma certamente será um problema ao tratar da cultura imaterial de um povo e da imposição de uma cultura hegemônica sobre as culturas populares que existem ou existiam no planeta.

A monocultura no campo artístico pode ter se tornado também uma cultura que serve apenas ao capital, uma arte hegemônica que não nos permite enxergar outras artes e culturas e que é feita para ser consumida, seja lá quem for este consumidor. Podemos então assumir aqui que esta arte hegemônica também é responsável pelo problema do aquecimento global não apenas por servir única e exclusivamente ao capital ou por ser uma arte de monocultura, mas também por se afastar, das pessoas, das ciências, das cidades, do bem comum.

É nas artes onde se encontra o maior debate sobre os processos criativos e sobre a criatividade humana e mesmo assim o pensamento vigente não aproxima artistas de cientistas, não sensibiliza artistas para questões importantes da humanidade, não integra a arte e a cidade, e deixa as artes apenas como este

espaço para a criação de objetos, da perpetuação do conceito de belo e, quiçá, como entretenimento para parte da população que tem acesso à mesma.

Se a monocultura na ciência pode significar um epistemicídio, a monocultura nas artes pode ser um esteticídio, uma devastação de toda e qualquer estética contra hegemônica que não se ocupe do escasso, que não seja mediada por catracas, que não possa servir para o acúmulo e o investimento do capital excedente, e que poderia talvez contribuir para a mudança social necessária para a solução de nossos problemas. Esteticídio e epistemicídio caminham juntos para a manutenção do nosso sistema, nossas cidades e suas catracas, podendo e exterminando qualquer ciência, arte, cultura e design que tenha origens vernaculares. Sem uma mudança estética ou sem a possibilidade de repensar o belo, não há chances de inserir toda a população no contexto desta discussão e ela volta a acontecer apenas nas esferas que interessam ao capital, como a ambiental e a econômica e, com isso a questão social e a inclusão, são relegadas a ultimo e penúltimo postos. Novamente, a única certeza que temos neste debate é que a estética e o belo que é atualmente considerado o padrão da nossa sociedade mas que foi imposto por uma parte da população foi o que nos trouxe até aqui. Dificilmente seguir neste mesmo caminho trará outro resultado. Por isso, uma nova episteme para uma nova arte que trate das possibilidades artísticas e estéticas comuns, ecopoéticas enfim, para a realização da transição do ego para o eco, de uma cultura e arte antropocena para outra, ecocena.

Pensar que a arte também deve assumir sua responsabilidade nesta luta contra o aquecimento global e que a arte hegemônica atual não serve para esta luta nos leva ao questionamento sobre qual arte poderia nos auxiliar. O que seria esta arte não capitalista, não consumista, que remove catracas, que aproxima o homem de seus bens de consumo, que aproxima produtores de consumidores, e que permite outra representação do belo? O que seria uma arte que ofereça alternativa para a monocultura, a monocracia, o monoteísmo, a monogamia, a monodisciplinaridade e a visão monocromática do mundo? Como seria esta arte sem objetos artísticos para serem cultuados, sem experiências únicas a serem experienciadas, sem servir para aumentar a desigualdade social, servindo ao acúmulo de capital e a perpetuação hegemônica?

A resposta para estas perguntas talvez esteja no fim do objeto artístico, na arte enquanto processo e como experiência que pode nos sensibilizar e nos transformar, na arte cotidiana como parte da reflexão do homem. A aproximação das pessoas de sua cultura pode ser seu distanciamento do capital, a aproximação das pessoas de seu alimento, de sua arte, de sua ciência pode tirar as pessoas do papel de meros espectadores, meros consumidores. Se a distância entre consumidores e produtores é uma das causas do aquecimento global, é necessário diminuir esta distância ao ponto de não haver mais separação entre produção e consumo. No entanto, tal diminuição não pode ocorrer como um recurso de manutenção do status quo atual. Esta experiência não pode depender única e exclusivamente do capital e ser utilizada para separar os experientes, que possuem condição para consumir a experiência, dos não experientes, que não possuem condições. Por isso é necessário pensar em outras formas de experiência, frutos de outras estéticas.

Se a primeira questão sobre as mudanças climáticas é a luta contra o seu negacionismo, é dever da arte se posicionar e lutar contra a ignorância e sua disseminação sistemática. Este é talvez um primeiro lugar onde a arte deve se colocar ao lado da ciência nesta batalha. A arte e sua capacidade de comunicar pode talvez auxiliar a ciência a encontrar ouvidos atentos a informações e diversificar os meios de transmitir esta informação. E se a arte assumir um compromisso de não mais separar produtores e consumidores ela deve ecoar na população a mensagem de que o negacionismo deve ser combatido e que é um direito da população saber sobre o mal que estamos causando a nós mesmos.

Então a arte talvez possa se colocar no papel de questionar o que seria consumir arte ou o que seria o consumismo dentro do fazer artístico. Não apenas questionar o objeto artístico como um objeto de desejo de consumo mas elevar objetos ao mesmo patamar de maneira a igualar toda forma de ação humana enquanto arte, do mais simples gesto ao gesto refinado de uma pintora ou dançarina. Entender a ação humana enquanto uma possibilidade de criação artística é remover as catracas que separam consumidores e produtores. Assumimos, por exemplo, o cinema como sétima arte sem, contudo, conseguir separar o cinema que é arte que possui uma ação transformadora do que é apenas entretenimento que possui como finalidade devolver o imaginário coletivo ao contexto hegemônico do não

questionamento, filmes *blockbusters* feitos para ser consumido enquanto produto de uma cultura massificada. Talvez o consumo tenha se tornado entretenimento devido à escassez de outras formas de se relacionar com o tempo. E a relação com a arte não deveria implicar ou significar unicamente uma relação de consumo. Afinal, nunca antes produzimos e consumimos tanta arte em suas mais distintas formas como música, teatro, literatura, pintura, escultura, cinema etc mas elas são fruídas basicamente como entretenimento e, neste sentido, via de regra, promotora de mais antropocentrismo, capitalismo e seus congêneres que contribuíram para as mudanças climáticas e para os problemas sociais que a crise do clima agrava.

Paradoxalmente, apesar do grande volume produzido, a produção desta arte parece ser cada vez mais impossível e inacessível para aqueles pertencentes ao MAPA, às camadas mais pobres e necessitadas do imaginário vivenciado na arte para plasmar a transformação de sua realidade e dos seus^{xx}. E a esse respeito, a saturação dos canais midiáticos parecem ofuscar toda e qualquer outra iniciativa de fazer arte e com isto, impedir que integrantes do MAPA se tornem protagonistas em processos criativos, calando suas vozes e não trazendo suas narrativas para o nosso contexto histórico atual.

Neste contexto, quando pensamos a produção artística, que como dissemos acima, propomos que seja artista, decolonial, socialmente engajada e, apenas a título ilustrativo, exemplificamos como pensamos esta arte climaticamente engajada no enfrentamento da crise climática, como agente de promoção de imaginação para a mudança, para a transformação do real, entre outras, como o livro de ficção climática (Cli-Fic) de Octavia E. Butler, *Parable of the Sower*, de 1993 e a obra *Não verás pais nenhum*, de Inacio de Loyola Brandão, de 1981.

Para tanto, consideramos que é também importante pensar que o fim da monocultura deve ser pensada como um processo que inclui a relação do homem com seu consumo, com a cidade, a ciência e as artes. Ao pensarmos, por exemplo, no Movimento dos Sem Terras devemos entender a epistemologia presente no mesmo, na sua ciência e cultura que muitas vezes é negada por não ser capitalista. Afinal, o MST não é apenas arroz ou ciência, é também arte e cidadania, é estética e filosofia, é economia e sociologia. É também quilombola e periférico, belo e contra hegemônico e por isso marginalizado talvez por inserir-se

num contexto pós-capitalista como uma alternativa à monocultura e à concentração da propriedade no campo. Neste sentido que sustentamos que devemos olhar para o mesmo como uma alternativa a todas as monoculturas e um estímulo para pensarmos num movimento que tenha por visão a construção de um novo tipo de civilização e de sistema econômico “entre-pares” (“peer-to-peer” ou “P2P”) orientada para os bens comuns, baseada na generalização das formas emergentes já existente de produção por pares, governança entre pares e propriedade entre pares^{xxi} de modo a beneficiar integrantes do MAPA, BIPOC, pobres, mulheres e pessoas 2SLGBTQQA+ vivendo em qualquer parte do mundo mas, especialmente no Sul Global. A quem cabe legitimar este tipo de movimento enquanto uma possibilidade de luta contra o aquecimento global?

Acabar com o consumismo parece ser viável e talvez basta inverter a lógica da escassez para que toda a lógica do consumismo caia por terra. É necessário acreditar na ciência, especialmente nos cientistas que buscam popularizar seus métodos, divulgar seus experimentos, e tornar acessível suas descobertas de maneira a compartilhar as mesmas com toda a população. O consumismo depende do escasso e a acessibilidade é a arma para combater sua fome pois ele não irá parar de consumir quando tudo acabar mas quando ainda existir fartura diante de sua fome. Quando todos nos tornarmos produtores, plantadores de comida, poetas, escritores, quando todos forem músicos e músicas. Neste ponto, talvez a fome de recurso dos que pregam o crescimento desenfreado possa parar. Quando não existir mais o escasso, o raro, o único, o meritocrático, o inacessível, o infalível e indefectível para o capital, talvez sua fome possa ser interrompida, e com ela, a fome real dos que não possuem alimentos, que sofrem com inundações e enchentes, possa talvez ser saciada.

Neste breve texto, nos propusemos a refletir sobre as mudanças climáticas e pensar no que podemos fazer para entender esta situação, enfrentar, ou ao menos refletir sobre nossas possibilidades de ação diante desta situação. Tentando entender este contexto, apresentamos um pouco da nossa angústia diante deste problema e, na tentativa de entender este cenário, elencamos alguns conceitos que um dia deverão ser melhor elaborados pelos autores: a monocultura como um problema da agricultura mas também das artes e das ciências; a relação entre produção e consumo mediada por catracas que tende a separar quem

produz de quem consome; a mercantilização das ações humanas e a transformação das artes, das ciências e das cidades em espaço para o investimento financeiro e de aplicação do excedente do capital; o esteticídio que, junto com o epistemicídio delimita nas artes e na ciência quem pode contribuir com este debate da mesma forma que um dia foi decidido quem era e quem não era um cidadão. Infelizmente, não trazemos soluções, apenas mais perguntas, dúvidas e questionamentos, mas acreditamos termos proposto um possível mapa interseccional, decolonial e transdisciplinar do caminho para a promoção do bem comum, inclusivo e solidário de vivermos em e com PachamamaGaia onde o eco supere nosso ego antropocêntrico. É muita coisa e poucas respostas. Desculpem-nos por isso. E seja bem vinda à luta.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rodrigo Oliveira. *Resistência à ciência: Crise de confiança suscita debate mundial sobre como enfrentar ataques ao conhecimento científico*. Pesquisa FAPESP, Ed. 284 out. 2019. Disp. em <https://revistapesquisa.fapesp.br/resistencia-a-ciencia/>. Acessado em 10/10/2021

BARRUCHO, Luis. *Por que é erro científico usar dias frios para negar aquecimento global*. Disp. em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48928512>. acessado em 09/10/2021.

BAUWENS, Michel & IACOMELLA, Franco. *Economia entre-pares e a nova civilização centrada na sustentação dos bens comuns*. In O Comuneiro - Revista eletrônica. Nº 33, Setembro de 2021. acessado em 26/09/2021. Disponível em http://www.ocomuneiro.com/nr27_02_MichelBauwenseFrancoIacomella.html

_____. *Sete hipóteses para uma estética da libertação*. Práxis. Revista Filosofazer. Passo Fundo, n. 52, jul./dez. 2019 Tradução de: Luciano Costa Santos.

BEHL, Manka. *Tauktae result of climate change, expect more cyclones in coming years: Experts*. in *The Times of India*; Experts. May 23, 2021, 04:18 IST. Disponível em <https://timesofindia.indiatimes.com/city/nagpur/tauktae-result-of-climate-change-expect-more-cyclones-in-coming-years-experts/articleshow/82868507.cms>. Acessado em 08/10/2021.

CASTELFRANCHI, Yuriy. *Por que comunicar temas de ciência e tecnologia ao público?(Muitas respostas óbvias... mais uma necessária)*. *Jornalismo e ciência: uma perspectiva ibero-americana*, v. 1, p. 13-21, 2010.

DUSSEL, Enrique. *Cultura imperial, cultura ilustrada e libertação da cultura popular*. In: *Oito Ensaios sobre cultura Latino-americana e Libertação*. São Paulo: Paulinas, 1997. Tradução de: Sandra Trabucco Valenzuela.

IPCC 2021, *Sixth Assessment Report* (Working Group I do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, edição 2021) disponível em <https://www.ipcc.ch/report/ar6/wg1/> acessado em 09/10/2021.

ISLAM, N. and WINKEL, J. *Climate Change and Social Inequality*, UN Department of Economic and Social Affairs (DESA) Working Papers, No. 152, 2017, UN, New York, Disponível em <https://doi.org/10.18356/2c62335d-en>. Acessado em 09/10/2021.

Manifesto Tutzing. Acessado em 10/10/2021. Disponível em <https://www.kupoge.de/ifk/tutzingermanifest/pdf/tuma-p.pdf>.

MBEMBE, Achile. *Necropolítica*. in *Arte & Ensaios - | revista do ppgav/eba/ufrrj | n. 32*, Dez. 2016. Acessado em 09/10/2021. Disp em <https://www.procomum.org/wp-content/uploads/2019/04/necropolitica.pdf>.

McKIBBEN, Bill. GRIST. *What the warming world needs now is art, sweet art*. April, 2005. Disp. em <https://grist.org/article/mckibben-imagine/>. Acesso em 09/10/2021.

ORESQUES, Naomi e CONWAY, Erik. *Merchants of Doubt: How a Handful of Scientists Obscured the Truth on Issues from Tobacco Smoke to Global Warming*. London: Bloomsbury Publishing PLC, 2011.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Comp.das Letras, 2019.

ROBINSON, Mary apud CANZI, Germana. *What is climate justice?* World Economic Forum. 04 de agosto de 2015. Acessado em 19/09/2021. Disp. em <https://www.weforum.org/agenda/2015/08/what-is-climate-justice/>

ROSA, Natalie. *Aquecimento global X mudanças climáticas: qual a diferença?* Canaltech: Disponível em <https://canaltech.com.br/meio-ambiente/diferenca-aquecimento-global-mudancas-climaticas-173536> Acessado em 01/06/2021

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. *Introdução*. in Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010

SAVAZONI, Rodrigo. *O comum entre nós: da cultura digital à democracia do século XXI* (Coleção Democracia Digital). Organização: Sergio Amadeu da Siveira. Edições Sesc SP, 2018. Edição do Kindle.

SIQUEIRA, Adilson. *Arte e sustentabilidade: argumentos para a pesquisa eco-poética da cena*. Revista Moringa. João Pessoa, Vol.1, n.1, 87-99, jan. de 2010;

The Artic Cycle. *Artists and Climate Change: building earth connections*. Disp. em <https://artistsandclimatechange.com/about/>. Acessado em 09/10/2021

TRASPADINI, Roberta e AMARAL, Marisa. *A superexploração e seus dois sentidos*. Disponível em <http://www.sindijufe.org.br/noticias/a-superexploracao-e-seus-dois-sentidos-14-12-2020-10-54> acesso em 19/09/2021

- ⁱ Cf. o relatório do IPCC 2021 (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, edição 2021) disponível em <https://www.ipcc.ch/report/ar6/wg1/> acessado em 09/10/2021.
- ⁱⁱ para uma abordagem mais acurada sobre o tema, Cf: ORESKES, Naomi e CONWAY, Erik Merchants of Doubt: *How a Handful of Scientists Obscured the Truth on Issues from Tobacco Smoke to Global Warming*. London: Bloomsbury Publishing PLC, 2011.
- ⁱⁱⁱ No dia 7 de julho de 2019, em sua conta oficial no Twitter, o vereador Carlos Bolsonaro postou essa pergunta em meio a uma onda de frio que fez as temperaturas caírem no Sul e no Sudeste do Brasil à época. Cf. BARRUCHO, Luis. Por que é erro científico usar dias frios para negar aquecimento global. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48928512> acessado em 09/10/2021.
- ^{iv} Cf. ROSA, Natalie. Aquecimento global X mudanças climáticas: qual a diferença? Canaltech: 26/10/2020. Disponível em <https://canaltech.com.br/meio-ambiente/diferenca-aquecimento-global-mudancas-climaticas-173536/> Acessado em 01/06/2021.
- ^v Cf. Islam, N. and J. Winkel (2017), "Climate Change and Social Inequality", UN Department of Economic and Social Affairs (DESA) Working Papers, No. 152, UN, New York, Disponível em <https://doi.org/10.18356/2c62335d-en>. Acessado em 09/10/2021.
- ^{vi} Disponível em <https://fridaysforfuture.org/newsletter/edition-no-1-what-is-mapa-and-whysould-we-pay-attention-to-it/> acessado em 19/09/2021.
- ^{vii} movimento de promoção de greves climáticas lideradas por jovens, iniciado por Greta Thurnberg em 2018. Cf. <https://fridaysforfuture.org/>.
- ^{viii} Em 2019, um levantamento realizado pelo Instituto Gallup por encomenda da organização britânica Wellcome Trust, em 144 países, com mais de 140 mil pessoas verificou que, no caso dos brasileiros, 73% desconfiam da ciência e 23% consideram que a produção científica pouco contribui para o desenvolvimento econômico e social do país. Índices similares foram aferidos em outros países como França e Japão, onde 77% dos entrevistados também declaram desconfiar da ciência. Entretanto, conforme Mark Henderson, diretor de comunicações da Wellcome Trust "Em países mais desiguais, as pessoas tendem a desconfiar mais da ciência do que em nações mais igualitárias", Cf. ANDRADE, Rodrigo Oliveira. Pesquisa FAPESP, Ed. 284 out. 2019. Disponível em <https://revistapesquisa.fapesp.br/resistencia-a-ciencia/>. Acessado em 10/10/2021.
- ^{ix} Dan Kahan (apud ANDRADE, 2019) em um estudo levado a cabo em 2015, no qual os participantes tinham que avaliar as ameaças das mudanças climáticas, cruzou as respostas com o nível de alfabetização científica de cada um, constatou, é importante destacar, que "Muitas vezes, são as pessoas com mais conhecimento científico que contribuem para a polarização do debate sobre alguns tópicos científicos."
- ^x Publicado na webpage da iniciativa Artists and Climate Change: building earth connections, promovida pelo The Artic Cycle. Disponível em <https://artistsandclimatechange.com/about/>. Acessado em 09/10/2021.
- ^{xi} Disponível em <https://www.kupoge.de/ifk/tutzingermanifest/pdf/tuma-p.pdf>. acessado em 10/10/2021.
- ^{xii} Análise detalhada apresentada pela Climate Trend, uma agência com sede em Nova Delhi que trabalha para conscientizar sobre questões de mudança climática e desenvolvimento de baixo carbono, aponta que o fator crucial por trás do ciclone Tauktae foram as mudanças climáticas. A análise estabeleceu a relação invariável entre o aquecimento global e a ciclogênese. Por sua vez, Matthew Roxy Koll cientista climático do Instituto Indiano de Meteorologia Tropical de Pune, disse numa entrevista: "É um fato bem conhecido que o oceano global absorveu 90% do excesso de calor gerado pelas emissões de gases de efeito estufa (GEE) desde 1970. Isso levou a um aquecimento anômalo dos oceanos no Mar da Arábia e na Baía de Bengala, que por sua vez faz com que os ciclones se intensifiquem rapidamente. Calor é energia, e os ciclones se intensificam rapidamente transformando a energia potencial armazenada no oceano em energia cinética". Disponível em <https://timesofindia.indiatimes.com/city/nagpur/tauktae-result-of-climate-change-expect-more-cyclones-in-coming-years-experts/articleshow/82868507.cms>. Acessado em 08/10/2021.
- ^{xiii} Exemplos listados por Ilan Kelman, professor de Desastres e Saúde do Instituto para redução de riscos e desastres da Faculdade de Matemática e Ciências Físicas da Universidade Global de Londres (UCL); Disponível em https://fridaysforfuture.org/newsletter/edition-no-5-recent-natural-disasters-and-extreme-weather-events/?_se=bnVncmFkb3NAYXJ0ZWVzdXN0ZW50YWJpbGikYWRIlMnVvbQ%3D%3D acesso em 19/09/2021.
- ^{xiv} Ilan Kelman. Loc. Cit.
- ^{xv} De acordo com Traspadini e Amaral, trata-se da "exploração exercida pelo capital imperialista sobre a força de trabalho que vive e trabalha na periferia, e que será crescente e permanentemente pressionada a contribuir com o aumento da capacidade de acumulação em geral". TRASPADINI, Roberta e AMARAL, Marisa. A superexploração e seus dois sentidos. Disponível em <http://www.sindijufe.org.br/noticias/a-superexploracao-e-seus-dois-sentidos-14-12-2020-10-54> acesso em 19/09/2021.

^{xvi} Para Achile Mbembe, necropolítica é o poder de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Com base no biopoder e em suas tecnologias de controlar populações, o “deixar morrer” se torna aceitável. Mas não aceitável a todos os corpos. O corpo “matável” é aquele que está em risco de morte a todo instante devido ao parâmetro definidor primordial da raça. Cf. MBEMBE, Achile. Necropolítica. in Arte & Ensaios - | revista do ppgav/eba/ufrrj | n. 32 |, dezembro 2016. Disponível em <https://www.procomum.org/wp-content/uploads/2019/04/necropolitica.pdf>. Acessado em 09/10/2021.

^{xvii} De acordo com Mary Robinson — Justiça climática é um argumento moral que nos obriga primeiro a “compreender os desafios enfrentados pelas pessoas e comunidades mais vulneráveis aos impactos das mudanças climáticas. Frequentemente, as pessoas na linha de frente das mudanças climáticas foram as que menos contribuíram para as causas da crise climática” e isso é uma parte da injustiça. A segunda parte é que, ao agirmos para “combater as mudanças climáticas [...] Devemos garantir que a transição para uma economia de carbono zero seja justa e permita que todas as pessoas realizem seu direito ao desenvolvimento. Isso exige que a comunidade global atue de forma solidária e garanta que os recursos necessários estejam disponíveis para permitir que todos os países e pessoas façam a transição para energias limpas e renováveis no mesmo prazo.” Cf. ROBINSON, Mary apud CANZI, Germana. What is climate justice? World Economic Forum. 04 de agosto de 2015. Disponível em <https://www.weforum.org/agenda/2015/08/what-is-climate-justice/> acesso em 19/09/2021.

^{xviii} Esteticídio é como Boaventura de Sousa Santos chama a ação colonial ao não reconhecer a criação estética e a produção das grandes culturas do Sul colonizadas ao responder de forma negativa à pergunta apriorística “O que essas culturas bárbaras puderam produzir de beleza, de estética?” não descobrindo “nelas nenhum elemento que pudesse servir como momento de criatividade, de novidade estética mundial, por seu atraso ou barbárie.” Assim, essa desqualificação da produção estética das culturais coloniais configura também um “mundo colonial estético” que promove a morte de outras estéticas (DUSSEL, 2019, p. 27).. A colonialidade produz o esteticídio ao não reconhecer a riqueza da cultura popular. Ela produz uma “elite cultural colonial ilustrada e um povo” criando “uma correia de transmissão da negação da cultura popular” por parte dessa elite que ela cria, que se considera parte do eurocentrismo e posiciona-se no centro, contra a periferia (DUSSEL, 2018, p. 26). Cf. DUSSEL, Enrique. Cultura imperial, cultura ilustrada e libertação da cultura popular. In: Oito Ensaios sobre cultura Latino-americana e Libertação. São Paulo: Paulinas, 1997. Tradução de: Sandra Trabucco Valenzuela. Veja também, do mesmo autor: Sete hipóteses para uma estética da libertação. Práxis. Revista Filosofazer. Passo Fundo, n. 52, jul./dez. 2019 Tradução de: Luciano Costa Santos.

^{xix} Neste texto, por comum estamos nos referindo ao conceito Comum conforme proposto por Rodrigo Savazoni que nos explica que o termo “também chamado de commons, em inglês, e de procomún ou común, em espanhol [...] pode ser definido como um bem gerido por meio de uma comunidade que se autogoverna” (p.16), colabora, “coopera e reúne-se para resolver problemas que são do seu interesse” (p. 33) de modo a “afirmar e criar processos emergentes, construídos de baixo para cima, na direção de gerar novos espaços e esferas comuns” (p. 34) através de um “olhar em que natureza e cultura sejam lidas simetricamente para a construção de um novo projeto de desenvolvimento que valorize as dimensões emocionais, espirituais, éticas e estéticas de mulheres e homens, na diversidade [e] expressam relações sociais inseparáveis das relações com a natureza” (p. 45). numa relação intrínseca de interdependência: entre as pessoas e os recursos, os seres humanos e o planeta, a cultura e a natureza. (SAVAZONI, passim, pp. 16 a 45, 2018 .

^{xx} Afinal, concordamos com ARONOFF et alli (2020): “lutar por um mundo novo começa com o ato de imaginá-lo visceralmente”.

^{xxi} Cf. (Cf. BAUWENS, Michel & IACOMELLA, Franco. Economia entre-pares e a nova civilização centrada na sustentação dos bens comuns. In O Comuneiro - Revista eletrônica. Nº 33, Setembro de 2021. Disponível em http://www.ocomuneiro.com/nr27_02_MichelBauwenseFrancolacomella.html acessado em 26/09/2021.